



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ELAINE DOS SANTOS SCALABRIM

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Estudo em uma escola pública de Rurópolis – PA**

ITAITUBA/PA

2023

ELAINE DOS SANTOS SCALABRIM

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Estudo em uma escola pública de Rurópolis – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Me. Elines dos Santos Batista

ITAITUBA - PA

2023

ELAINE DOS SANTOS SCALABRIM

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Estudo em uma escola pública de Rurópolis – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Me. Elines dos Santos Batista

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.^a Me. Elines dos Santos Batista

Avaliador(a) 1: _____ Nota: _____

Prof.^a Me. Mara Aparecida Pereira do Nascimento

Avaliador(a) 2: _____ Nota: _____

Prof.^a Esp. Margaret Ferreira de Aguiar

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba – PA, 07 de agosto de 2023.

*Dedico o meu trabalho primeiramente a
nosso senhor Jesus Cristo, pois nunca me
desamparou, à minha família, em especial, ao
meu esposo, minha mãe e aos meus filhos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por te me fortalecido, dando força, coragem e acima de tudo fé, a ponto de superar as dificuldades e também por ter cuidado da minha saúde, permitindo assim alcançar esta etapa tão exclusiva da minha vida.

Em especial ao meu esposo **Geilson Santos Scalabrim** e aos meus filhos, **Yasmin Lettícia** e **George Enrick Santos Scalabrim**, pelo apoio dedicação, companheirismo, pela compreensão e gentileza de me fazer sorrir sempre, deixo aqui meus eternos agradecimentos.

À minha família que nunca desistiram de me ajudar, sempre oferecendo amor, carinho e compreensão, deixo aqui uma gratidão eterna, em especial à minha mãe **Terezinha Nair dos Santos**.

Aos docentes, agradeço a orientação incansável, o empenho e a confiança que ajudaram a tornar possível este sonho tão esperado.

A esta Faculdade e a toda sua direção, deixo aqui minhas palavras de agradecimentos por todo o ambiente inspirador e pela oportunidade de concluir este curso.

A minha orientadora **Elines dos Santos Batista**, que mesmo com os trabalhos diários pode me acolher na hora em que mais precisei, gratidão eterna.

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram direta e indiretamente, para que meu percurso force alcançado com glória, eu agradeço de todo coração.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar quais as principais metodologias utilizadas com alunos autistas a partir de uma pesquisa de campo, buscando compreender ainda quais os desafios e as possibilidades para inclusão destes alunos. Para o desenvolvimento do estudo, foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa a partir de uma revisão de literatura. Por meio da análise de dados foi possível verificar que as metodologias aplicadas pelos professores sempre visam meios que facilitem o desenvolvimento do ensino aprendizagem dos alunos autistas, às vezes não tem recursos suficientes para auxiliar no desenvolvimento das atividades com os educandos. Alguns desafios observados pelos autores consistem em que os educandos têm receio em interagir com os demais colegas, vivem em seu mundo particular, tem facilidade com determinada matéria, gosta de brincar com jogos diferenciado, mais os educadores sempre buscando meio que facilitem o desenvolvimento dos educandos. Constatou-se que o processo de inclusão de uma criança com autismo na educação infantil ocorre de forma normal é ainda dificultoso, porém com receio de alguns professores não saber fazer direito, pois só conhecem um pouco da teoria, por isso alguns agradecem quando há ajuda oferecida por outros professores para trabalhar com crianças especiais, pois, o processo de aprendizagem do aluno com autismo se dá muitas vezes em características particulares que cada pessoa possui para aprender.

Palavras-chaves: Escola inclusiva. Aprendizagem. Alunos autistas.

ABSTRACT

This work aims to verify the main methodologies used with autistic students based on a literature review, seeking to understand the challenges and possibilities for including these students. For the development of the study, an exploratory and descriptive research was carried out, with a qualitative approach based on a literature review. Through data analysis, it was possible to verify that the methodologies applied by teachers always aim at ways that facilitate the development of teaching and learning for autistic students, sometimes they do not have enough resources to assist in the development of activities with students. Some challenges observed by the authors are that students are afraid to interact with other colleagues, live in their own private world, have ease with certain subjects, like to play with different games, but educators are always looking for ways to facilitate the development of students. It was found that the process of including a child with autism in early childhood education occurs normally and is still difficult, but with fear that some teachers do not know how to do it right, as they only know a little of the theory, so some are grateful when there is help offered by other teachers to work with special children, as the learning process of students with autism often takes place in particular characteristics that each person has to learn.

Keywords: inclusive school; learning; autistic students.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Frente da Escola de Ensino Fundamental Bela Vista.....	36
Figura 2 - Organização do material pedagógico da escola.....	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil e identificação dos participantes da pesquisa.	38
Quadro 2 - Perfil profissional dos participantes da pesquisa.	39
Quadro 3 - Respostas dos participantes sobre a inclusão do aluno que apresenta necessidades educacionais especiais.	39
Quadro 4 - Respostas dos participantes sobre se tem algum aluno na sua sala, ou na sua escola que apresenta necessidades educacionais especiais.	40
Quadro 5 - Respostas dos participantes sobre se na escola que atua é oferecido suporte para lidar com os casos de inclusão.	41
Quadro 6 - Respostas dos participantes sobre qual o papel do professor na inclusão escolar de alunos autistas.	42
Quadro 7 - Respostas dos participantes sobre quais as principais metodologias que podem ser utilizadas com alunos autistas.	43
Quadro 8 - Respostas dos participantes sobre quais as maiores dificuldades dos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos autistas.	43
Quadro 9 - Respostas dos participantes sobre se existe algum recurso multifuncional (sala especial, material pedagógico especial) na escola para atender o aluno com autismo.	44
Quadro 10 - Respostas dos participantes sobre como acontece a participação da família na vida escolar do aluno com autismo na escola.	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ABORDAGEM HISTÓRICA DA INCLUSÃO DO AUTISTA NO BRASIL	12
1.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	12
1.2 O AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS	15
1.3 A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA ACERCA DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO.....	17
1.4 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O AUTISMO	20
2 AUTISMO E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
2.1 O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA.....	25
2.2 O PAPEL DA FAMÍLIA NA ESCOLA NO ACOMPANHAMENTO DO ALUNO AUTISTA.....	29
2.3 INTERAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA EM SALA DE AULA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	31
3 A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE RURÓPOLIS – PA.....	35
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA.....	36
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	38
3.3.1 Percepções das professoras participantes da pesquisa	38
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Com o decorrer das últimas décadas, o mundo vem debatendo no campo da educação, o que venha ser inclusão e qual a mais perfeita maneira de fazê-la, autores protegem a ideia de que independentemente do nível de dificuldade, todas as crianças necessitam ser contidas na rede regular de ensino, ainda que sejam em salas especiais.

Torna-se importante ressaltar que a construção do sujeito, nos primeiros anos de vida é crucial para ajudar essas pessoas a funcionar adaptativamente na cultura escolar tradicional. No entanto, o papel do professor na educação infantil é bem relevante, uma vez que por meio de uma análise diagnóstica ele qualificará o aluno autista segundo o seu grau de dificuldade para aprendizagem e, por conseguinte indicará estratégias de simplificação de forma que o aluno se sinta inserido no contexto escolar.

Neste sentido, o presente estudo visa compreender a inserção do aluno autista na escola, assim como as metodologias aplicadas em sala pelos professores e as dificuldades vivenciadas. Vale ressaltar, que o autismo não é uma doença única, mas consiste em um distúrbio de desenvolvimento complexo, acentuado de um ponto de vista comportamental, com múltiplos tipos de comportamentos e níveis diversificados de severidade.

Ainda conforme o autor acima, o autismo, é caracterizado como um transtorno neurológico assinalado por comprometimento da interação social, comunicação verbal e não verbal e comportamento limitado e periódico, o que ocasionava uma determinada dificuldade ou impossibilidade de comunicação dessas crianças.

De tal modo, o desenvolvimento da pesquisa acerca desta temática torna-se relevante e útil para o meio social e acadêmico, pois busca contribuir no estudo acerca na descoberta e discussão de metodologias que possibilitem e até mesmo permitam o professor, que trabalha nas séries iniciais do ensino fundamental, melhorar o processo de ensino aprendizagem no que tange o autismo.

Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo verificar quais as principais metodologias utilizadas com alunos autistas, buscando compreender quais as maiores dificuldades dos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos autistas.

Para o desenvolvimento do estudo, foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa a partir de uma revisão de literatura. Buscando responder a seguinte questão norteadora, quais as principais metodologias utilizadas com alunos autistas? Quais as maiores dificuldades dos professores no processo de ensino e aprendizagem do aluno autista?

Este trabalho está organizado da seguinte maneira a primeira seção é a introdução, que traz a apresentação do tema, objetivos e justificativa buscando caracterizar de forma geral o trabalho apresentado, na seção dois é feita uma abordagem histórica da inclusão do autista no Brasil, comentando acerca do histórico da educação inclusiva do autista no ambiente escolar, frisando a legislação e as políticas públicas para o autismo, a seção três traz o autismo na educação infantil e a interação da criança autista, a seção quatro traz a metodologia aplicada e a análise de dados.

1 ABORDAGEM HISTÓRICA DA INCLUSÃO DO AUTISTA NO BRASIL

1.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR

De acordo com Mello (2007) o autismo é um distúrbio de desenvolvimento humano que vem sendo estudado ao longo do tempo, através da ciência humana há quase seis décadas. O autismo era conhecido por poucas pessoas, entre eles médicos, alguns profissionais da área de saúde e alguns pais foram surpreendidos com o diagnóstico de autismo para seus filhos.

O autismo tem sido tema de vários filmes, novelas, mais ainda surpreende a população, pois suas características são diversas, se apresentam de acordo com cada grau do distúrbio. De modo que, os familiares ficam às vezes sem saber como agir diante das situações apresentadas pelas pessoas que foram diagnosticadas com autismo.

A inclusão diz respeito a todos os alunos, e não somente alguns. Ela envolve uma mudança de cultura e de organização da escola para assegurar acesso e participação para todos os alunos que frequentam regularmente e para aqueles que agora estão em serviço segregado, mas, que podem retornar a escola em algum momento no futuro. A inclusão não é a colocação de cada criança individual nas escolas, mas é criar um ambiente onde todos possam desfrutar o acesso e o sucesso no currículo e tomarem-se membros totais da comunidade escolar e local, sendo desse modo, valorizados (MITTER, 2003, p. 236; DRAGO, 2011, p. 78,79).

A proposta da educação inclusiva, que surgiu no cenário mundial foi a partir dos anos de 90, que se constituiu em uma área que interessava os estudos da educação. Dessa forma, vários programas de pós-graduação sejam em educação especial/ educação, vêm se desenvolvendo a cada dia para a inclusão de pessoas com necessidades especiais no ensino fundamental (LIRA, 2004).

O autismo próprio foi primeiramente notado em 1943 que segundo o Dr. Leo Kanner, naquela época poucos falavam desse transtorno. Algumas pessoas que tem essa desordem não se diferenciam muito daqueles que não tem, já que o olhar geralmente o revela, pois, o mesmo não se fixa em ninguém. Quando criança, o autista mal fala (MELLO, 2007).

No ambiente escolar as crianças ou até mesmo jovens e adultos não interagem com os demais colegas e se forem participar de algum tipo de atividade não consegue

interagir. É comum para essas pessoas viverem restringidos, ou seja, no seu mundo particular. Mas mesmo assim, a síndrome do autismo continua rodeada de fantasias, preconceitos e orgulho, muitos até acreditam que se refere à um traço de indiferença, ou que a pessoa é “desatenta”, pois costuma ficar isolada, repetidas as palavras.

De acordo com autor e psicólogo Facion (2016), especialista do departamento de psiquiatria, o transtorno autista está ligado às dificuldades de se entender suas causas e de realizar o seu diagnóstico. Hoje, ainda não se compreende precisamente os motivos da patologia, apesar disso tudo assinala para desordem de origem neurobiológica, não têm exames que diagnostique exatamente, é necessário esforço para saber os procedimentos e as observações.

Existem vários casos também, que não há como descobrir como o espectro do autismo interfere na vida do ser humano, ou estão associadas as atitudes que podem variar muito, pois há vários casos severos, quando existe um retardamento mental a criança não consegue se comunicar, e às vezes não reconhece as figuras paternas ou seus cuidadores, como afirma, o psicólogo Facion (2016).

No mundo em que se vive ainda existem várias pessoas que veem as crianças desenvolvendo determinados movimentos e já agregam ao autismo. Não pode ser deste modo, pois é imprescindível antes verificar pelo menos, quatro sintomas constantes por um período de seis meses. Assim, deve se procurar um especialista, além do mais, observa-se que mais de 50% dos autistas exibem também determinado tipo de retardamento mental, comenta Facion (2016).

Ainda conforme o autor supracitado, existem graus de autismo, mais severos, com sintomas mais elevados que podem ser percebidos antes dos cinco (5) anos de idade. O autismo se acomoda nos primeiros três anos de vida, pois quando os neurônios que coordenam a comunicação e os relacionamentos sociais deixam de formar as conexões necessárias, mesmo sabendo que é um transtorno incurável, as vezes leva muito tempo para ser reconhecido que os neurônios não foram estimulados na hora certa, a criança perde a oportunidade de aprender.

Segundo um estudo feito em *American Journal*, Organização Mundial da Saúde (OMS, 2004), afirma que o autismo atinge uma a cada seis crianças em pais industrializados. Também de acordo com os estudos, os meninos têm entre 30% e 50%

mais de chance de propensão para a doença. Portanto, o autismo é mais comum no sexo masculino, que apresentam 80% da incidir da doença.

No meio educacional a educação inclusiva tem despertado admiração, mas ao mesmo tempo angústia, onde se compromete a responder com qualidade as necessidades que são encontradas diariamente no âmbito escolar, onde inclusive o alunado apresenta uma necessidade especial (DRAGO, 2011, p. 09).

Diante dos pressupostos, a educação inclusiva tem uma possibilidade de construção fundamental para as relações que diz respeito não é fácil. Entende-se que desde que o movimento pela construção de sistemas educacionais inclusivos, foi se fortalecendo diante das deficiências, inclusive amparando legalmente os alunos que frequentarem as classes regulares no ensino comum.

A construção de uma sociedade inclusiva é de basilar acuidade para o desenvolvimento e a conservação de um estado democrático. Pois a educação é para todos, uma vez que, o sistema educacional reconhece, responde e respeita o aluno que nele se encontra inserido (DRAGO, 2011).

Dessa maneira, a educação especial vem contribuindo no processo das modalidades de ensino, possibilitando a construção de um espaço melhor, na qual educadores e os educandos sintam-se favorecidos e motivados, pois assim permite que os mesmos aprendam juntos.

Diante disso, a escola se torna inclusiva à medida que reconhece a diversidade que constitui seu alunado e a ela responde com eficiência pedagógica. Para responder às necessidades educacionais de cada aluno, tendo uma condição essencial na prática educacional inclusiva, que se adequar aos diferentes elementos curriculares, de forma que atenda as distinções de cada um e de todos os alunos (FRANCO, 2006).

Compreende-se, portanto, que, o autismo é colocado como uma perturbação tríplica: interação social, comunicação e comportamento. Assim, observa-se que é um repertório marcante com relação as atividades que podem ser desenvolvidas, essa doença se manifesta na faixa etária dos três (3) anos idade, antes ou depois.

Desta forma, ao se considerar no Brasil o movimento da educação, tem-se analisado meios que preocupam com os problemas relacionados ao ensino, como que

acontece no âmbito escolar, a maneira em que o professor realiza seu trabalho hoje, está se desenvolvendo ao ensino aprendizagem dos educandos, dentre outros (ORRU, 2012).

Desse modo, a maioria dos casos de autismo em crianças, os pais não têm experiência ou não conhecem essa deficiência, e acaba sem saber o que fazer, muitas vezes procuram algum especialista. Porém, a impossibilidade do autista se comunicar, interagir e abordar os conflitos que possa vir a encontrar, faz com que os pais estejam sempre presente no cotidiano do seu filho seja em casa, no ambiente escolar e nos demais lugares.

1.2 O AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Muitos pesquisadores falam que o autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, acentuando de um ponto de vista comportamental, com vários tipos de comportamento e graus variados de severidade, o autismo, é um transtorno neurológico marcado por envolvimento da interação social, comunicação verbal e não verbal e comportamento restrito e repetitivo, o que acarreta uma certa dificuldade ou incoerência de comunicação dessas crianças. Essa síndrome é bastante rara, provavelmente mais frequente do que o esperado pelo pequeno número de casos relatados por vários pesquisadores que estudam para saber qual diagnóstico de crianças que apresentam essa síndrome.

O autismo é identificado através das características que vão surgindo ao longo do tempo. A maioria das crianças mostram os sintomas a partir dos 3 anos de idade ou até mesmo 24 meses de vida. Vale enfatizar que o sexo mais afetado pelo o TEA são os meninos (DRAGO, 2011).

Segundo Franco (2006, p. 60), deve-se pensar que nem todos os autistas são iguais, tampouco que o entrosamento é o mesmo para todos. Visto que, a estimulação deve ser personalizada cada vez, mas no seu determinado perfil e faixa etária da vida. Desse modo, o autista precisa se relacionar com outras pessoas, seja no meio social/escolar, despertando assim o interesse visual e oral.

A interpretação equivocada a respeito de como são percebidos os autistas por outras pessoas, passa a impressão errônea sobre eles, sem a verdade de como o autista

é e como é o dia a dia, acerca de quais suas habilidades, por pessoas que não conhecem as suas habilidades cognitivas, por isso que muitos autistas na fase adulta tendem a isolarem-se por motivos que diversas pessoas não são perceptivas a essas situações tão imatura.

De acordo como Luana (2016, p. 17): “alguns dos sintomas da síndrome em crianças com menos de três anos de idade”. Com isso, as crianças acabam se atrasando no desenvolvimento do ensino aprendizagem ou uma nítida dificuldade de se comunicar com as demais pessoas, evitando até mesmo o contato direto com os olhos da própria mãe. Assim, os sintomas acabam virando rotina, é importante destacar que essas características podem ocorrer, mas não são frequentes muito menos constantes nos que tem Transtorno Espectro Autista (TEA).

Deste modo, as pessoas com autismo permanecem em seu mundo interior como um meio de fugir dos estímulos que os cercam no seu mundo externo permanecendo em seu universo interior de fato que as crianças com Transtorno Espectro Autista sentem dificuldades em se relacionar e comunicar com outras pessoas, uma vez que os mesmos não usam meios de comunicação.

A maioria das crianças desviam o olhar para não fixar, às vezes são incapazes de estabelecer interações sociais de modo que as outras crianças podem começar a desenvolver a linguagem clara. Vale enfatizar que cada autista tem suas próprias características e limitações, ou seja, dificilmente se comportaram igualmente (FRANCO, 2006).

Desta forma, cabe aos educadores estabelecerem métodos que favoreça o desenvolvimento do ensino aprendizagem de cada indivíduo seja ele dito normal ou com alguma deficiência, sendo necessário que seja oferecido vários apoios, por exemplo, físico, visual, social, que criará a possibilidade de não tornar a criança com autismo dependente por toda a vida, tornando assim um aprendizado agradável para os indivíduos.

A criança precisa ser trabalhada de forma mais elevada positivamente para que não ocorram comportamentos indesejados, visando ajudar as crianças a perceberem que através da comunicação elas podem conseguir, mais rápido as coisas que mais desejam,

estimulando assim a comunicação fixa que provavelmente minimizará os problemas (FRANCO, 2006).

Acrescenta-se que as crianças com autismo apresentam habilidades específicas, como desenhar, fazer cálculo em curto prazo. Tudo isso faz com que a criança com TEA (Transtorno Espectro Autista) camufle o transtorno. É importante frisar que os pais passam a acreditar que têm dentro de cada pessoa com uma pequena habilidade, com modo de pensar e de agir diferentes (MELLO, 2004).

Conforme Khoury (2014) as pessoas com transtorno autista apresentam dificuldades mais solitárias, ou seja, apresentam dificuldades sociais para compartilhar interesse e iniciar ou manter interações sociais. Essas crianças com dificuldades em compreender expressões de sentimentos e afeto, fazendo com que os comportamentos são observados para trabalhar nas mudanças rotineiras, entre outras situações.

Sobretudo, esse processo é muito doloroso principalmente para família e para quem convive e está sempre presente na vida da criança portadora do autismo. Logo, quanto mais cedo a criança ser acompanhada de forma objetiva, mas rápido desenvolverá a capacidade que está em si mesmo, pois os resultados dependem não somente da identificação do transtorno e sim de todo um processo eficaz que possa salientar o futuro de cada um deles.

1.3 A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA ACERCA DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO

A década de 90 iniciou-se com aceitação política da proposta de Educação para Todos, produzida em Jomtien, Tailândia, na Conferência Mundial da UNESCO. Indiscriminadamente, com qualidade e igualdade de condições. O Brasil adotou a proposta de Salamanca (UNESCO, p. 34, 1994) especificamente no que se refere à população de alunos com necessidades especiais educacionais.

Ao passar dos anos nota-se uma evolução na legislação em que com o decreto para atender com qualidade esses alunos nas escolas públicas em período contrário às aulas regulares, com professores especializados. O decreto nº 6.571, de 17 de setembro de

2008, dispõe sobre o (AEE) atendimento educacional especializado, regulamentando o parágrafo único do art.60 da LDB (BRASIL, 2010).

Em dezembro de 2012, a Lei federal 12.764, também conhecida como Lei Berenice Piana, foi aprovada no Brasil, para que o autismo fosse amparado por lei, ou seja, em direitos ao autista aos deficientes, além de outros benefícios também. Segundo Moantoan (1994, p. 14,15): “a inclusão é uma inovação, um movimento muito polemizado pelos mais diferentes segmentos educacionais e sociais”. Destarte, é importante verificar que a constituição garante a educação como direito de todos os indivíduos, é necessário melhorar as condições do ambiente escolar, ou seja, buscando melhorar a vivência dos processos sociais sem preconceito e sem barreiras.

Observa-se que a Constituição Federal (CF) de 1988, traz como um dos objetivos essenciais para o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, cor, sexo, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Artigo 3º, Inciso IV). Em seu artigo 5º, a constituição garante o princípio de igualdade: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]. (BRASIL, p. 1988).

A educação é direito de todos, garantido assim o pleno desenvolvimento das pessoas, dando o direito de uma cidadania de qualidade, qualificação de trabalhos. Onde no artigo 206, Inciso I, afirma que, “a igualdade de condições de acesso e permanência na escola”, tendo como princípio o ensino e garante o dever do estado, oferecendo Atendimento Educacional Especializado, na rede regular de ensino (BRASIL, 1988).

A Constituição Federal garante a todos os educandos a frequência de ensino regular, assegurando, o direito educacional. Assim, todo aluno, tem direito de estar inserido, ou seja, matriculado na rede regular de ensino, não discriminado por qualquer pessoa em razão de uma deficiência ou sob outro pretexto.

A primeira lei visando garantir a inclusão dos alunos com necessidades especiais foi a Constituição Federal de 1988. Os avanços da Educação Especial no país se fortaleceram a partir da aprovação das que têm como principal fundamento o direito à cidadania e à dignidade da pessoa humana (BRASIL, 1988, p. 13), depois surgiu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, (Lei nº 9394/96).

Desse modo, a educação inclusiva requer meios que favoreça a forma de incluir o indivíduo, no meio social e escolar, dando o direito de ter uma vida normal. Pois a educação propõe aumentar a participação de todos os educandos no currículo escolar e a redução da exclusão escolar e social.

[...] é meio mais efetivo de combater as atitudes discriminatórias criando comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando a educação para todos, além disso, proporciona uma educação eficaz para a maioria das crianças melhora eficácia e, por fim, a relação custo, efetividade de todo o sistema educativo (UNESCO, 1994, p. 56).

Com base no pressuposto, toda criança tem direito a educação de qualidade, dessa maneira é preciso que o sistema educacional tenha mudanças para suprir as necessidades, e obter um crescimento de qualidade na educação inclusiva. Desse modo, a Declaração de Salamanca confirma no princípio, os desafios da educação inclusiva lançado no ambiente escolar, no intuito que os indivíduos sejam acolhidos e repassado ensino de qualidade a todos (UNESCO, 1994).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996 define e regulamenta o sistema educacional de educação, de forma fundamentada para que nos princípios não atinjam à educação especial. É importante destacar que a LDB garante, em seu artigo 59, que o sistema de ensino é assegurado a todo e qualquer indivíduo com necessidade educacional especial (BRASIL, 1996).

Ao acompanhar as mudanças ocorridas, nas Diretrizes Nacionais para Educação Especial e na Educação Básica, resolução CNE/ CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determinam que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL, 2001, p. 69).

Desse modo, as Diretrizes desenvolvem o caráter de uma educação especial de qualidade realizando atendimento Educacional Especializado integrante ou essencial a escolarização, admitido à possibilidade de substituir o ensino regular. Porém, para que isso ocorra é necessário o apoio da família, órgãos públicos e sociedade, não só apenas

deles, mas de modo geral obtendo assim um resultado qualitativo no desenvolvimento ensino aprendizagem dos educandos.

1.4 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O AUTISMO

O direito de uma criança com autismo é garantido por lei, pois todas as pessoas têm direito a educação, aprovando a permanência e aprendizagem de cada indivíduo. A educação é fundamental na vida do ser humano, pois é através da mesma que se pode alcançar um trabalho digno. Portanto, faz-se necessário descrever algumas das leis que ampara todas as pessoas portadoras de deficiência física, mental ou intelectual.

Como já citado anteriormente, no ano de 1994 a Declaração de Salamanca surgiu com intuito de mudar o panorama da educação mundial, sua elaboração aconteceu na cidade de Salamanca na Espanha. Segundo, Santos e Teles (2012, p. 81), “tal documento foi criado para assinalar aos países a necessidade de políticas públicas e educacionais que consigam acolher todas as pessoas de modo igualitário”. Essa declaração ainda destaca a autêntica necessidade da inclusão educacional das pessoas que exibem quaisquer necessidades educacionais especiais.

De tal modo, observa-se que a Declaração de Salamanca passa a interferir na formulação das políticas públicas da educação inclusiva. De acordo com a declaração o princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças aprendam juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter (1994, p. 5). Além disso, a declaração destaca que a escola e o projeto político pedagógico devem adequar-se às necessidades dos alunos.

No Brasil o documento Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (DUTRA *et al.*, 2008, p. 06), ressaltam que a partir do processo de democratização da educação se evidencia o paradoxo inclusão/exclusão, quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola.

Neste sentido, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) é considerado como uma política nacional de educação especial na perspectiva na educação inclusiva,

publicada pelo Ministério de Educação (MEC) em 2008, e inaugurada um novo marco legal, teórico e organizacional da educação política brasileira.

O AEE é realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no contra turno da escolarização, não sendo substituídas às classes comuns, podendo ser realizado também, em centros de atendimento educacional especializados de rede públicas ou de instituições comunitárias, confessionais e filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a secretaria de educação ou órgão equivalente dos estados, distrito federal e municípios (BRASIL, 2009, p. 02).

Torna-se importante ressaltar que o AEE, possibilita meios que favorecem o desenvolvimento do educando, pois é um atendimento educacional especializado, onde o professor itinerante busca meios que o ajude a trabalhar de forma simples, porém facilitadora para o aluno. Possibilitando articulação entre o indivíduo e o ambiente escolar.

Assim, é fundamental que os educadores estejam sempre buscando possibilidades de ampliar meios que ajude no desenvolvimento da aprendizagem e convivência dos educandos sem discriminação, a sala de recursos multifuncionais atende no contraturno geralmente.

Os materiais disponíveis para as pessoas com autismo muitas vezes não cumprem com o conceito de acessibilidade, existem poucos recursos pedagógicos para o público alvo ou que não atende a necessidade da pessoa. Cada um tem suas particularidades, portanto, são limitados a nossa compreensão, os conhecimentos. Por isso, é importante o investimento governamental para a confecção de materiais que leve em conta os interesses e as necessidades dos portadores de transtorno do espectro autista.

A sala de recursos multifuncionais é, portanto, um espaço organizando com matérias didáticos, pedagógicos, equipamentos e profissionais com formação para o desenvolvimento às necessidades educacionais especiais. No atendimento, é fundamental que o professor considere as diferentes áreas do conhecimento, os aspectos relacionados ao estágio de desenvolvimento cognitivo dos alunos, o nível de escolaridade, os recursos específicos para sua aprendizagem e as atividades de complementação e suplementação curricular (ALVES, 2006, p. 14).

A sala de recursos multifuncionais se refere ao atendimento das diversas necessidades educacionais, onde trabalha o desenvolvimento das diferentes

deficiências. A mesma, é organizada e oferece recursos apropriados para cada indivíduo, podendo assim atender conforme o cronograma e hiperatividade dos alunos.

Vale ressaltar que a sala de recursos é um espaço também de avaliações pedagógicas. Pois, nela está inserido os professores avaliadores do AEE (Atendimento Educacional Especializado), onde buscam possibilidades cabíveis aos alunos, nas quais todos os recursos possíveis serão utilizados no atendimento individual de cada aluno.

Além disso, é fundamental que a família participe, principalmente os pais dando orientações e trocando experiências, de modo que poderá ajudar no ensino aprendizagem do seu filho. Portanto, ressalta-se que a relação entre professor, aluno e família é essencial, pois elimina barreiras atitudinais e favorece o desenvolvimento educacional dos indivíduos.

De tal modo, é importante destacar que esse olhar diferenciado sobre o educando, vem sendo como um sujeito capaz de aprender com clareza, pois sabe o quão pode-se investir na aprendizagem desse aluno, pois, ao acreditar em suas capacidades, desejos, possibilitando ao aluno o processo mais elevado, garantido uma vida mais harmoniosa.

2 AUTISMO E EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é a primeira etapa da vida escolar dos estudantes, e é nela que são trabalhados diferentes aspectos que contribuem para o desenvolvimento global do indivíduo, e deverá ser oferecida, a todos, em creches e pré-escolas, como afirma a LDB (BRASIL, 1996). Para a criança diagnosticada com autismo, ingressar na educação infantil pode ser um dos grandes desafios, porém, a família a escola e o professor juntos podem contribuir de forma significativa para a melhoria do seu comportamento.

Levando em consideração as características das pessoas com Transtorno do Espectro Autista para os professores e diretores pedagógicos, não é uma tarefa fácil pois, estas particularidades podem dificultar o seu processo de aprendizagem e o trabalho do docente em incluir este aluno na sala de aula.

Analisando Gauderer (1995), percebe-se que no contexto educacional para se educar um autista é preciso promover sua integração social e neste sentido, a escola desenvolve papel essencial para o alcance deste objetivo. A educação precisa abraçar a socialização e integração dos autistas, pois o contato com os professores e com as crianças da escola será fundamental. Assim, o espaço escolar precisa estar pronto para receber a criança e conseguir desenvolver seu cognitivo e intelectual.

Em nível variável as crianças podem ter dificuldades em: segmentar tarefas; organizar o tempo de trabalho durante longos períodos de tempo até uma meta final; compreender a informação/ instruções relacionadas a uma tarefa; planejar e organizar e, quando necessário solicitar ajuda ao professor (KHOURY *et al.*, 2014, p. 20).

Dessa forma, o processo de ensino aprendizagem deve ser modificado e a atenção especial deve ser dada as dificuldades que essas crianças possuem em comunicação, interação, linguagem e do comportamento no sentido de abranger as diferenças que essas crianças trazem para a escola e a programação psicopedagógica ser traçada em cima das necessidades individual de cada um.

Quanto a interação é importante criar situações de respeito ao limite da criança autista, ser claro nos enunciados, ampliar o tempo para que ele realize as atividades propostas e sempre comunique mudanças na rotina antecipadamente. A paciência para

lidar com essas crianças é fundamental, já que pelo menos a metade dos autistas apresenta graus variáveis de deficiência intelectual.

[...] contudo o professor não vai apenas inserir o aluno na sala e aula, mas buscar maneiras para melhorar o aprendizado da criança. Dessa forma com a chegada de um aluno autista a sala da educação infantil deve estar totalmente programada para recebê-lo, para que assim o professor identifique quais dificuldades e quais o nível de aprendizado (UCHÔA, 2015, p. 17).

Entretanto, não só a escola deve estar estruturalmente preparada, como também os seus docentes, que devem possuir práticas adequadas para que possam atuar de forma significativa na vida escolar desse aluno. A atualização voltada para os cursos de formação continuada para os docentes é um fator importantíssimo para que esse profissional adquira competências e habilidades necessários para atuar com esse aluno na educação infantil. A Declaração de Salamanca afirma:

As competências necessárias para satisfazer as necessidades educativas especiais devem ser tidas em consideração na avaliação dos estudos e na certificação dos professores [...] a formação em serviço deverá realizar-se, sempre que possível, ao nível da escola, através da interação com os orientadores e apoiados pela formação a distância e outras formas de auto formação (BRASIL, 1994, p. 27-28).

Algumas escolas buscam professores que já tenham experiência com crianças autistas e em outras realizam capacitação dos educadores para manter a continuação da criança na escolas. "Todos sabemos que as transformações da escola depende de um compromisso coletivo de professores, gestores, pais e da sociedade em geral[...]" (MANTOAN, 2003 p. 14). Por isso, é importante que os professores sempre estejam buscando aprender novos métodos para serem trabalhados na sala de aula com alunos autistas.

De acordo com o exposto para que o processo de aprendizagem seja bem sucedido é fundamental a junção de todos que trabalham pela educação e desenvolvimento da criança, ambos deve ter acesso até mesmo a equipe que atende o aluno fora da escola (psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta e etc.). Pois, a comunicação entre todos é importante para que sejam solucionados os eventuais problemas e os melhores resultados na educação destas crianças sejam alcançados.

2.1 O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA

De acordo com Camargo (2009) as crianças com TEA, possuem necessidades educacionais especiais devido às condições clínicas, comportamentais, cognitivas, de linguagem e de uma educação social que apresentam. Assim, é necessário que as crianças passem por um processo de adaptações no meio social e manejos adequados para com todo, respeitando a condição espectral do transtorno.

Desse modo, as ações educacionais poderão garantir que os indivíduos alcancem um nível educacional mais elevado, qualidade de vida individual e familiar e exclusão social no mercado de trabalho, possibilitando uma vida normal. O papel da escola é fundamental na vida de todo o ser humano. Mas é essencial que todo o corpo docente e os órgãos públicos tenham um olhar direcionado para educação de forma objetiva fazendo com que todas as pessoas se sintam incluídas no ambiente escolar, independente da deficiência, raça, cor e etnia.

Assim como em outros transtornos do desenvolvimento, crianças com TEA possuem necessidades educacionais especiais devido às condições clínicas, comportamentais, cognitivas, de linguagem e de adaptação social que apresentam precisam, muitas vezes, de adaptações curriculares e de estratégias de manejo adequadas (TEXEIRA, 2014, p. 25).

Torna-se essencial que os educadores busquem meios que favoreça o desenvolvimento do educando, principalmente para que desenvolva a interação na sociedade, ou seja, viver de forma normal pertencendo a vários grupos que se relacionam com diferentes meios, regras, costumes e até mesmo habilidades, de maneira simples, que às vezes são diferenciadas na hora de se comunicar, de aprender, desenvolver e socializar.

Porém, é importante ressaltar que os indivíduos com autismo podem apresentar habilidades cognitivas. Por outro lado, as pessoas com esse transtorno apresentam comportamentos e a forma de se comunicar diferenciada interferindo na adaptação de uma criança no ambiente escolar. Mas, é essencial que haja todo um processo para que a criança se sinta acolhida da maneira desejada para que não haja interferência no seu aprendizado.

O paradigma da inclusão educacional orienta o processo de mudanças desde a educação comum aos serviços de apoio com vistas a promover o desenvolvimento das escolas, constituindo práticas pedagógicas capazes de atender a todos os alunos. O sistema educacional inclusivo está fundamentado na Constituição Federal/88, que garante a educação como um direito de todos, e no Decreto nº 6.949/2009, que ratifica a convenção em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2010, p. 01).

Desta forma, nota-se que a inclusão aparece como uma alternativa para o atendimento das pessoas com necessidades educacionais especiais, de forma afetiva dos seus direitos quanto a sua formação humana, tendo um desenvolvimento de ensino aprendizagem diferenciada respeitando as suas particularidades sociais. Dessa maneira, os seus direitos de ser atendido estão divulgados na lei vigente, garantindo que todas as pessoas que nasceram ou adquiriram algum tipo de necessidade especial têm direito na inclusão escolar, ser respeitada e ter uma vida social como os demais indivíduos.

Contudo, para inclusão escolar acontecer não é só a adequação do espaço físico da escola que deve ter transformações, mas em todos os processos amplos e as atitudes de toda comunidade escolar. Dentre outras medidas, a reorganização requer uma nova infraestrutura e a construção de novas dinâmicas educativas voltadas para o alunado, pois as mudanças são necessárias para um desenvolvimento qualitativo (RIBEIRO, 2016).

A escola inclusiva tem um caráter colaborativo que implica no desenvolvimento de valores, mesmo que mobilizem as pessoas a pensarem, viverem e organizarem o espaço da escola, incluindo assim todos os alunos. De tal modo, é importante estimular e facilitar a colaboração entre os professores do ensino comum das escolas, nesse sentido, a realização das atividades será construtiva.

Cunha (2015, p. 32) afirma que: “a educação nas escolas inclusivas, independentemente do grau de severidade, deve ser vivenciada individualmente na SRM e na sala de ensino comum, favorecendo a sociabilidade, porque incluir é aprender junto”. Pois, são indispensáveis que as crianças não sejam todas inseridas na rede regular de ensino. Ainda que seja de modo simples, mas há momentos em que o autista permanece concentrado, isso deve ser respeitado no seu cotidiano, ou seja, dia a dia de forma agradável, para que sua vida no ambiente escolar não se torne uma rotina, surgindo novas oportunidades de descobertas para sua vida.

Igualdade, um dos fundamentos de educação inclusiva, não é, de forma alguma, tornar igual. Incluir não é nivelar nem uniformizar o discurso e a prática, mas exatamente o contrário: as diferenças, em vez de inibidas, são valorizadas. Portanto o aluno-padrão não existe: cada integrante deste cenário deve ser valorizado como é, e todo o processo de ensino-aprendizagem devem levar em conta essas diferenças (ROSA, 2009, p. 37).

Neste sentido, a educação inclusiva deve se desenvolver com todos os alunos, é um dos desafios sim, mas não é algo que atrapalhe no desenvolvimento do trabalho de um professor, o mesmo deve compreender cada vez mais a transformação e as diferenças, sendo assim, o principal instrumento de superação da inclusão do autista na escola, é dá oportunidade para que o mesmo mostre suas capacidades.

No entanto, o aluno com autismo precisa que o professor esteja apto para desenvolver recursos convencionais para seu desenvolvimento de ensino aprendizagem, trabalhando atividades/habilidades específicas, tanto com a família quanto na vida cotidiana.

O ensino escolar brasileiro continua sendo aberto aos poucos, pois essa situação estar acentuada drasticamente, ou seja, os alunos com deficiência estão sofrendo. Percebe-se que o ensino escolar brasileiro continua se desenvolvendo aos poucos, pois em várias situações se acentua drasticamente principalmente quando se refere ao aluno com necessidade educacional especial. O fato é que é recorrente em qualquer ponto do nosso ambiente, seja nas escolas públicas ou particulares, sobretudo nas etapas de ensino básico.

A inclusão escolar é um processo contínuo e participativo nos âmbitos cultural, social e político, de modo que os educandos com necessidades educacionais especiais devem ser avaliados com dignidade e ética, buscando valorizar e garantir uma inclusão de qualidade (MANTOAN, 2006).

Portanto, a inclusão escolar, deve ser caracterizada como um processo de medida para as soluções das barreiras que possam ser encontradas. Muito importante compreender que a inclusão escolar está em constantes transformações, obter que os professores devem manter-se atualizados para acolher as diversas realidades que chegam às escolas, podendo assim adaptar as atividades e avaliações de acordo com as necessidades dos alunos.

Segundo Cunha (2015, p. 33) é importante frisar que a busca de apoio para incluir o indivíduo faz-se necessário, pois dessa maneira o mesmo ficará concentrado nele, esquecendo tudo ao seu redor. É normal a birra, o medo e a raiva ganharem espaço na vida do autista, mas os educadores precisam estar atentos a essas questões, ou seja, precisam trabalhar métodos que façam com que essas crianças não desenvolvam essas inseguranças no ambiente escolar e até mesmo em casa.

De acordo com Texeira (2014) as crianças com Transtorno Espectro Autista (TEA) possuem necessidades educacionais especiais devido às condições clínicas, comportamentais, cognitivas, de linguagem e de adaptação social que apresentam. Eles precisam muitas vezes de um acompanhamento especializado, ou seja, é essencial que todas as pessoas que são deficientes participem da sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE), para alcançar um nível de estudo mais elevado, especialmente a qualidade de vida individual, familiar, social e no mercado de trabalho.

Texeira (2014), afirma que apenas 70% das crianças com autismo frequentam a escola durante toda semana, enquanto mais de 16% vão apenas três dias por semana no ambiente escolar, uns dos motivos é a falta de apoio estrutural da escola.

Desse modo, as crianças sentem-se inseguras por não estar em um ambiente acolhedor. Por outro lado, as crianças com autismo são inseridas em salas “especiais”, mesmo sendo relevante para o desenvolvimento que eles estejam sempre em contato com outras pessoas de preferência da mesma idade.

Apesar de apresentarem, “baixa inteligência social”, os autistas encontram maneiras de se comunicar com as pessoas mais próximas e assimilam atalhos criados pelos adultos ou terapeutas para facilitar a troca de informações e experiências (RIESGO, 2016).

No entanto, as crianças autistas tendem a não brincar com outras, pois para elas se envolverem com os demais é como se estivesse acontecendo várias mudanças. Deste modo, faz-se necessário o acompanhamento de um terapeuta capaz de ajudar as crianças com brinquedos e equipamentos próprios para elas.

O ambiente escolar é muito importante na vida da criança, pois é um universo cheio de jogos, brincadeiras, atividades lúdicas, entre outros. Sendo essencial, tudo isso para o desenvolvimento cognitivo da criança, trazendo motivações e até mesmo

tranquilidade para os alunos. Vale salientar, a partir do momento em que as crianças vão conhecendo/manipulando os brinquedos vão causando sensações no cérebro de uma forma mais precisa (RIESGO, 2016).

A escola deve garantir aos alunos um desenvolvimento de vida com qualidade, habilidades e comportamentos sociais adequados. Sendo capaz de introduzir um potencial para viver de maneira independente. De modo geral fornecer informações que irão ajudar a produzir os comportamentos necessários. Logo, é essencial que o educador planeje métodos responsáveis para garantir aos seus educandos oportunidades de forma geral. Já que, o sucesso na vida escolar das pessoas requer valores, suportes para garantir a adaptações e modificações indispensáveis no ambiente escolar.

2.2 O PAPEL DA FAMÍLIA NA ESCOLA NO ACOMPANHAMENTO DO ALUNO AUTISTA

Segundo Ribeiro (2016), os pais geralmente são os primeiros a notar os primeiros sinais do autismo. Com isso, percebe-se que alguns pais estão sempre presente na vida da criança permitindo assim mesmo enxergar o que acontece ao seu redor, pois muitas famílias estão vendo o problema, mas preferem fingir não veem, e isso faz com que o caso se agrave prejudicando o desenvolvimento da criança, tanto intelectual quanto emocional.

Desse modo, as diferenças podem ter existido desde o nascimento ou podem ter tornado mais visíveis com o passar do tempo. Pois, em alguns casos as diferenças são essenciais para obter informações importantes. E esses sintomas que levam a maioria dos pais procurarem meios que resultaram em uma imensa jornada para que o futuro dos seus filhos possa ter uma vida tranquila (RIBEIRO, 2016).

No entanto, pode exigir certas atenções ou aceitar passivamente algumas coisas tranquilamente. Por esse motivo, alguns pais podem achar que sua criança não é nem um pouco ligada a eles, principalmente quando evitam sentir-se abraçados por eles, eventualmente sentem-se desesperados pela falta de afeto.

De um lado os pais idealizam que os seus filhos, com autismo ou com outra deficiência crônica, vão passar por um processo muito doloroso quando se deparam com a realidade, acham que o seu filho irá crescer e se tornar adulto autônomo. Por esse

motivo o papel da escola torna-se indispensável, pois além de trabalhar o aluno também trabalha a família que as vezes se sente insegura por não conhecer a causa (RIBEIRO, 2016).

Assim, é importante que os pais estejam sempre presentes e buscando informações cabíveis sobre o comportamento e desenvolvimento dos mesmos, observando as necessidades e habilidades de como lidar com eles. É necessário ressaltar que as pessoas com autismo precisam sempre está incluída no meio social de modo que a família permaneça presente buscando recursos que ajude na desenvoltura dos seus filhos.

Os pais podem não ter consciência do impacto que causam na vida dos filhos e que seus atos podem servir de exemplo para as atitudes da criança, afirma a psicóloga Ribeiro (2016). Entretanto, é comum ver os pais reclamando de algumas atitudes dos seus filhos fazendo com que eles percebem, ocasionando um impacto doloroso na criança, por isso o grande desafio do ambiente escolar é mostrar para os responsáveis das crianças, ou seja, orientar que não deve comentar certas coisas invejáveis na frente deles para que isso não sirva de aflição.

Muitos psicólogos e psiquiatras acreditam que os pais costumam receber a notícia de forma inadequada. Por meio disso, é necessário que os pais estejam só sem a presença do filho para que essa notícia não se transforme em um transtorno absurdo e até mesmo transformar o desenvolvimento infantil.

Desse modo, é preciso que tanto a criança quanto os pais façam acompanhamento psicológico especializado, podendo construir sobretudo a confiança da família além de ajudar no desenvolvimento cognitivo da criança, tanto no ambiente escolar quanto no meio social. Tudo isso pode ajudar a criança a se tornar mais independente e ter autonomia, aceitando a si próprio de forma adequada. Os pais devem buscar recursos para resgatar a suas vidas novamente se reestruturando e restabelecendo, levar consigo um tempo para brincar, correr, pular, passear com seu filho de maneira como a família se sentir feliz (RIBEIRO, 2016).

A família deve buscar informações e tratamentos para que o desenvolvimento do seu filho seja alcançado, pois na maioria dos casos os filhos apresentam certas dificuldades como ler e escrever. Além disso deve mostrar que nem sempre o caminho

da vida é fácil e as soluções, mas a possibilidades que podem mudar e criar novos destinos.

Não se pode esquecer que a família é a base de tudo, ela tem que buscar meios que facilite a vida da criança com necessidade educacional especial no dia a dia, fazendo com que se desenvolva mais rápido, ou seja, mostrar e ajudar de modo geral o lado positivo e negativo da vida de maneira que não atinja o sua agilidade. Para que isso obtenha o ótimo resultado, deve haver uma parceria família e escola, fazendo com ambos busquem meios que beneficie a criança autista, pois essa união ela vai enriquecer a capacidade intelectual e emocional, possibilitando modo que promova a competência e o aumento das habilidades dos educandos, para que cada vez mais sua capacidade de comunicação seja abrangente.

2.3 INTERAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA EM SALA DE AULA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Infelizmente, nem todos os alunos com autismo são inseridos no ensino regular de forma ainda precoce, o que garantiria uma maior probabilidade de desenvolvimento e possível melhora para convivência social. Muitos ficam sobre a superproteção dos pais e não deixam saírem de casa com receio de que seus filhos não sejam aceitos ou sofram repressão em ambiente mais agitado, por isso chegam à escola com idade mais avançada e com comprometimento mais visível.

Atualmente as escolas exigem educadores com capacitação e fundamentação sobre alfabetização, que possam atender e obter resultados para quaisquer tipos de estudantes, favorecendo a inclusão e agilizar os processos de aprendizagem, contribuindo assim, para um melhor desempenho do educando.

O desafio imposto pelo processo de inclusão desestabilizou concepções e práticas arraigadas tanto na educação regular como na educação especial. Por um lado, professores do ensino regular se dizem despreparados para atuar com alunos com necessidades educacionais. Por outro lado, os professores especialistas dominam estratégias metodológicas específicas relacionadas às práticas de reabilitação que não mais têm sustentação no contexto inclusivo (FERNANDES, 2006, p. 85).

Os Núcleos de Apoio Educacional têm como função acompanhar o procedimento escolar dos alunos com TEA a partir da observação de suas especificidades, com orientações da escola e da equipe pedagógica, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem destes, para que sejam possíveis as superações fundamentais dos desafios principais do grupo pedagógico na educação exclusiva.

Os métodos que devem ser utilizados na escola com uma criança autista são de suma importância para seu desenvolvimento em todos os sentidos e na sua interação social. Estudar as peculiaridades de cada caso de um autista, eles não são tão “diferentes” dos demais alunos no momento de ser alfabetizado. Uma vez que cada aluno aprende de uma forma, pois é preciso elaborar um plano diferenciado para criança autista levando em consideração seus limites dependendo do grau do seu comportamento, alfabetizar essas crianças se torna uma tarefa difícil.

[..]. O papel da escola é fazer o reconhecido no nível da educação, na elaboração de estratégias para que estes alunos com autismo consigam desenvolver capacidades para se integrar e interagir com as outras crianças [...] (GAUDERER, 1987, p. 25).

Desse modo, percebe-se o quanto é importante a participação da criança desde cedo na escola pois essa habilidade é essencial não só para a interação, mas também para comportar-se adequadamente em diferentes contextos além da sala de aula, outros ambientes dentro da sociedade em geral. É essencial também o envolvimento familiar com a escola e além de mudanças na estrutura e metodologia, é importante ainda um currículo adequado às necessidades da criança.

No início de sua rotina educacional a criança autista deve ser recebida pela professora que vai acompanhar ela até o final das atividades e começar a chamar pelo seu nome com isso a criança pode se sentir mais protegida. Para tanto, o planejamento curricular dessa escola deve ter um ritmo constante e variado com músicas e atividades que desenvolvam suas habilidades e que organize seu comportamento, as atividades de educação física são importantes para o desenvolvimento psicomotor do autista por isso as programações devem estar compatíveis para eles.

Segundo as diretrizes de atenção e reabilitação da pessoa com autismo do Ministério da Saúde (2014), o fonoaudiólogo é habilitado a avaliar aspectos linguísticos

que diferenciam os sujeitos com distúrbios de linguagem na presença de deficiência auditiva ou de quadros primários de linguagem auxiliando a criança com TEA em sua comunicação, independente da forma como ela possa acontecer.

Desenvolver a falar é inclusive dominar e expandir sistemas de regras formais recursivas que possibilitam, com base em elementos iniciais mais simples, edificar os arcabouços abstratos que se conseguem em ilimitadas orações, convindo às mais distintas necessidades de demonstração das experiências, a função comunicativa da linguagem está amarrado ao sucesso com que se exerça a sua função construtivo-representativa e imaginativa.

O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu potencial, de acordo com sua idade e de acordo com o seu interesse. Se a criança estiver executando uma atividade nova de maneira inadequada, importante a intervenção rápida do professor, mesmo que para isso seja necessário segurar a mão da criança ou até mesmo dizer-lhe a resposta (PEETERS, 1998, p. 32)

Isso não deve desanimar o trabalho do professor. Todos os estudantes devem ser estimulados e iniciados a partir do que já sabem fazer, o professor também deve buscar novos conhecimentos para compreender o espectro e como este influencia a vida dos indivíduos. Pois, educar uma criança autista, segundo Bereohff (1991) é uma experiência que conduz o professor a verificar e interrogar suas ideias acerca de desenvolvimento, educação normalidade e competência profissional.

Torna-se um desafio descrever um impacto dos primeiros contatos entre este professor e estas crianças tão desconhecidas e na maioria das vezes imprevisíveis. O importante é compreender que ela é uma criança que precisa ser amada e acima de tudo estimulada, para que possa se desenvolver e sinta-se à vontade, em situação de igualdade. Buscar informações sobre o assunto são atitudes essenciais da família e educadores para ajudar uma criança autista.

De tal modo, a inclusão é uma relação que envolve um grande número de variáveis, argumentos e compreensões desse fenômeno, que a partir da sua manifestação em público específico, querendo ou não é reconhecido pelo seu déficit, o autismo é especificamente manifestado na comunicação, no comportamento e desenvolvimento coletivo.

Diante da interação social, ou seja, a inclusão assim, Vygotsky (1998, p. 26), considera: “um movimento cognitivo humano, sendo resultado de processos de mediação simbólica que acontecem na criação e uso de contextos da interação social deforma intencional e voluntária por parte dos sujeitos”.

A escola, para grande parte das crianças brasileiras, é o único espaço de acesso aos conhecimentos universitário e sistematizado socialmente, ou seja, é o lugar que pode lhes proporcionar condições de se desenvolver e de se tornar cidadãos, alguém com identidade social e cultural (DRAGO, 2011, p. 19).

De tal modo, compreende-se, portanto, que o papel da educação é proporcionar aos educandos o desenvolvimento de todas as suas capacidades para supera o meio social já existente. A educação inclusiva de alunos com necessidades especiais registrados nas salas comuns tanto do infantil quanto do ensino fundamental, que tem como processo a adaptação do cotidiano escolar, em geral incluir em um contexto mais específico que sugere um processo contínuo de reconhecer o comportamento da criança com ser social que produz conhecimento.

3 A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE RURÓPOLIS – PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, pesquisa exploratória e descritiva, e por meio de uma revisão de literatura com levantamento de textos científicos publicados entre os anos de 2010 e 2020, com fontes secundárias realizando através da busca de textos com os seguintes descritores: aluno com autismo, metodologias para alunos autistas, dificuldades de aprendizado para alunos autistas.

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, sendo fundamentada em vários autores que tratam da temática em questão. Severino (2007, p. 122) destaca que pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

O estudo foi desenvolvido através de pesquisas descritiva e exploratória, que segundo Minayo (2001) a primeira, trata de descrever o estudo abordado, e o pesquisador relata os fatos e vivências com rigorosidade, detalhando os fatos de acordo com a realidade. As pesquisas descritivas são geralmente utilizadas por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. Sendo assim, esse tipo de abordagem proporciona investigar, descrever a realidade dos fatos sem omissão ou desvio de resultados.

De acordo com Severino (2007, p. 123) a pesquisa exploratória, “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”. Assim, observa-se neste tipo de pesquisa que objeto é analisado em sua íntegra forma, investigando todos

os detalhes possíveis no estudo. Tornando um tipo de pesquisa que contribui significativamente no estudo.

A pesquisa apresenta também uma abordagem qualitativa que Minayo (2001, p. 21) descreve como:

Pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Dessa forma, compreende-se que a pesquisa qualitativa vai além do que se observa, envolve os significados, portanto o pesquisar poderá compreender a história de vida de uma pessoa, através de seus sentimentos que poderão ser percebidos nesta modalidade. Sendo considerado então o modelo de pesquisa adequado ao tipo de estudo aplicado, pois buscou a essência individual através da análise de artigos publicados.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A Escola de Ensino Fundamental Bela Vista, foi uma conquista obtida através de um movimento liderado pela comunidade local, onde se formou uma associação para lutar pela implantação de uma escola no bairro Bela Vista, pois o mesmo já comportava e necessitava de uma escola para suprir a demanda (DADOS DA PESQUISA, 2023).



Figura 1 - Frente da Escola de Ensino Fundamental Bela Vista.
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quem iniciou esta luta foi a professora Alaíde dos Santos de Sousa (*in memória*) que pagou um carro de som para fazer o anúncio de uma reunião que aconteceu na casa do senhor Alteredo Alves Siqueira, onde foi escolhido o senhor Oseias de Sousa Oliveira e o senhor Alídio Ferreira de Sousa para batalhar pela criação da mesma, no referido bairro. Logo os Professores Oseias e Alaíde fizeram uma visita ao senhor interventor Averaldo Pereira Lima que os recebeu, mas apenas para fazer promessas (DADOS DA PESQUISA, 2023).

Para poder obter mais força foi organizada uma associação no dia 29 de setembro de 1999 quando foi escolhido Oseias de Sousa Oliveira para presidente; João Milton Gonçalves para vice-presidente; José Cardoso Pereira para tesoureiro; José dos Santos Moreira para primeiro secretário e Erlon Alves Lima para segundo secretário, sendo esta reunião na casa da senhora Maria Cardoso Neto (Nazinha) (DADOS DA PESQUISA, 2023).

Outro grande colaborador foi o senhor José Alexandre Silva que se uniu aos líderes desta associação. Lembrando que foi o vereador Cosme Bento da Silva (em memória), que fez o requerimento de Nº 39/99 o qual foi aprovado no dia 31/08/1999 (DADOS DA PESQUISA, 2023).

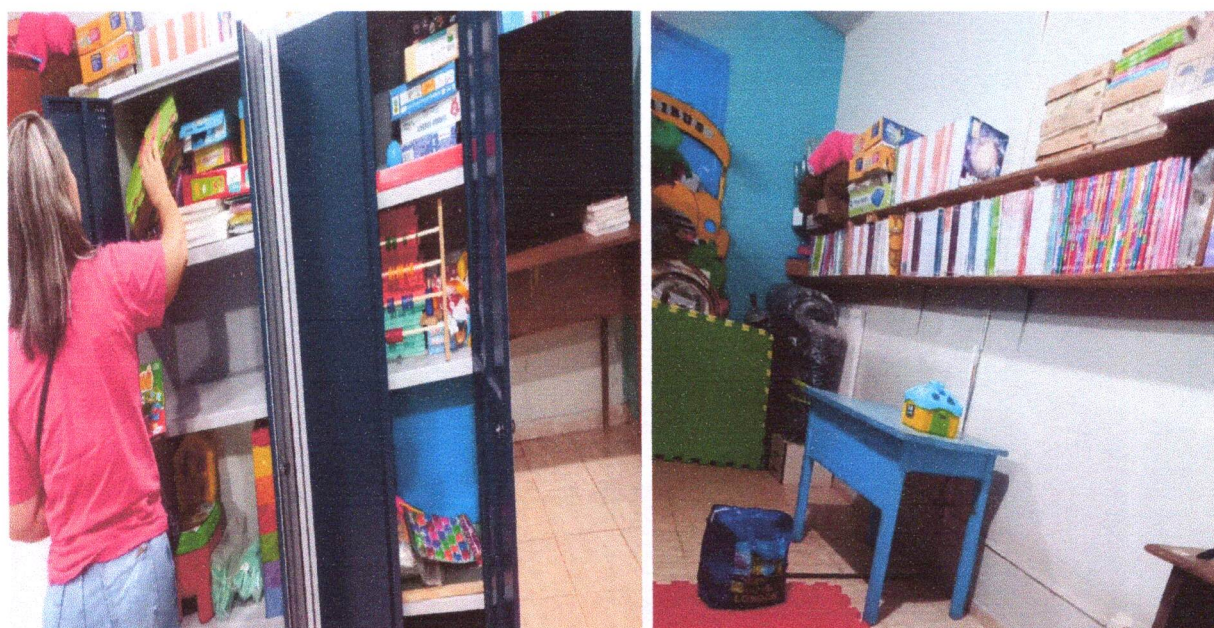


Figura 2 - Organização do material pedagógico da escola.
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Mesmo depois desta aprovação e outras reuniões para o mesmo objetivo, só no dia 02 de fevereiro do ano 2000, quando o senhor José Paulo Genuíno assumiu como prefeito, foi que o senhor José Alexandre, Cosme Bento da Silva e Oseias de Sousa Oliveira em reunião com o prefeito José Paulo e o deputado Nicias Ribeiro, conseguiram o apoio para que a escola fosse construída (DADOS DA PESQUISA, 2023).

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.3.1 Percepções das professoras participantes da pesquisa

A pesquisa foi direcionada a 04 (quatro) professoras que atuam na Escola Ensino Fundamental Bela Vista. Foi aplicado a estas um questionário com 10 (dez) perguntas sendo 07 (sete) subjetivas, 01 (uma) objetiva e 01 (uma) de identificação e perfil dos participantes da pesquisa.

Na primeira questão foi traçado o perfil e identificação dos participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Perfil e identificação dos participantes da pesquisa.

Identificação	Gênero	Idade	Graduação	Pós-Graduação	Trabalha há quanto tempo na educação?
Participante 01	Fem.	24	Pedagogia	Não	1 ano
Participante 02	Fem.	35	Pedagogia e Geografia	Não	9 anos
Participante 03	Fem.	39	Pedagogia	Educação infantil e séries iniciais supervisão escolar	9 anos
Participante 4	Fem.	53	Pedagogia	Gestão escolar	23 anos

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

De acordo com a faixa etária das participantes da pesquisa, elas possuem entre 24 (vinte e quatro) e 53 (cinquenta e três) anos, sendo todas gênero feminino. Quando perguntado há quanto trabalha na educação variam entre 1 ano e 23 anos, Todas formadas em Pedagogia e uma além da Pedagogia é graduada em Geografia.

Quadro 2 - Perfil profissional dos participantes da pesquisa.

Identificação	Quantos anos trabalha nesta escola?	Trabalha há quantos tempo na educação especial?	Possui formação continuada em educação especial e áreas afins, quais?
Participante 01	1 ano	1 ano	Não
Participante 02	6 anos	Não respondeu	Sim
Participante 03	7 anos	2 anos	Sim
Participante 4	4 anos	Nunca trabalhei	Sim

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O tempo de quem trabalha varia de varia entre 1 ano e 7 anos e quanto tempo na educação especial duas nunca trabalharam, uma das professoras trabalha acerca de 1 ano e outra cerca de 2 anos, quanto a formação continuada em educação especial 3 delas já fizeram, uma não participou ainda

A formação inicial e continuada dos professores para alinhá-las à BNCC. A ação nacional será crucial, já que se trata da esfera que responde pela regulação do ensino superior, nível no qual se prepara grande parte desses profissionais. Diante das evidências sobre a relevância dos professores e demais membros da equipe escolar para o sucesso dos alunos, essa é uma ação fundamental para a implementação eficaz da BNCC (BRASIL, 2017).

Na segunda pergunta foi questionado **o que é para você a inclusão do aluno que apresenta necessidades educacionais especiais**. Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 3.

Quadro 3 - Respostas dos participantes sobre a inclusão do aluno que apresenta necessidades educacionais especiais.

Participantes	Respostas
Participante 01	Em todo caso, mesmo que o aluno necessite de uma supervisão a mais, acredito que seja necessária uma participação voluntária deste aluno, seja nas atividades curriculares ou qualquer atividade desenvolvida com os demais alunos na sala de aula para que este se sinta acolhido igualmente aos demais alunos.
Participante 02	Para mim, a inclusão do aluno que apresenta necessidades educacionais especiais é um princípio fundamental da educação inclusiva. Refere-se a prática de proporcionar à todos os alunos, independentemente de suas habilidades, a oportunidade de participar plenamente do sistema educacional.

Participante 03	É criar condições e promover uma educação de qualidade para todos e fazer adequações que atendam as necessidades educacionais e especiais dos alunos com autismo.
Participante 04	Para mim é permitir uma aprendizagem com liberdade para que esse aluno (criança) alcance autonomia conseguindo assim, agir com naturalidade em ambientes educacionais ou não.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

De acordo com as respostas dos participantes estes colocam que os alunos com necessidades especiais têm liberdade para participarem das atividades, no entanto precisam se sentir à vontade para participar e tenham autonomia conseguindo agir com mais naturalidade possível.

Cunha (2015, p. 32) afirma que: “a educação nas escolas inclusivas, independentemente do grau de severidade, deve ser vivenciada individualmente na SRM e na sala de ensino comum, favorecendo a sociabilidade, porque incluir é aprender junto”. Pois, são indispensáveis que as crianças não sejam todas inseridas na rede regular de ensino.

Na terceira questão os participantes foram questionados **você tem algum aluno na sua sala, ou na sua escola que apresenta necessidades educacionais especiais? Se tiver, quais são as deficiências e como você tem trabalhado?** Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 4.

Quadro 4 - Respostas dos participantes sobre se tem algum aluno na sua sala, ou na sua escola que apresenta necessidades educacionais especiais.

Participantes	Respostas
Participante 01	Sim. Síndrome de Down, na sala de aula imperatividade na sala de aula. Procurei buscar atividade que chamassem a atenção no caso do aluno com imperatividade. Para o aluno com síndrome de Down utilizei recursos pedagógicos, mas principalmente ajuda-lo com a socialização do espaço educacional e com os demais alunos de forma que até mesmo a quadra da escola servia para seu aprendizado. Ex: Na quadra ele deveria analisar e entender as formas, cores, tamanhos e proporções, bem como a interação com os demais alunos.
Participante 02	Sim. O trabalho em sala envolve a adaptação, o uso de estratégias de ensino diferenciadas, um ambiente incluso e acolhedor para atender as necessidades de cada aluno.
Participante 03	Sim! Hiperatividade e impulsividade ... Trabalho as limitações, ser flexível, construir um roteiro e atividades acessíveis.
Participante 04	Sim! Não posso afirmar qual a necessidade, não tenho acesso a laudo. Porém busco possibilitar a criança o acesso a práticas de envolvimento, sempre escolho estratégias considerados adequados, além do cuidado pelo bem estar da criança.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quando perguntadas sobre se tem algum aluno na sua sala, ou na sua escola que apresenta necessidades educacionais especiais, estas disseram que sim, e as metodologias que utilizam para incluir estes nas aulas variam desde trabalhar as limitações, buscar estratégias para um ensino diferenciada.

Segundo Rosa (2009) a educação inclusiva deve se desenvolver com todos os alunos, é um dos desafios sim, mas não é algo que atrapalhe no desenvolvimento do trabalho de um professor, o mesmo deve compreender cada vez mais a transformação e as diferenças, sendo assim, o principal instrumento de superação da inclusão do autista na escola, é dá oportunidade para que o mesmo mostre suas capacidades.

Na quarta questão os participantes foram questionados **sobre se na escola que atua é oferecido suporte para lidar com os casos de inclusão? Se sim, como é realizado?** Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 5.

Quadro 5 - Respostas dos participantes sobre se na escola que atua é oferecido suporte para lidar com os casos de inclusão.

Participantes	Respostas
Participante 01	Sim. A escola traz o suporte de cuidadoras escolares para ajudar no processo de inclusão e quaisquer necessidades do aluno entre outros.
Participante 02	Sim, os alunos têm um cuidador para auxiliar esses alunos e tem ajudado muito ao meu ver.
Participante 03	Sim! Tem quadra poliesportiva e demais ambientes, é realizado metodologias ativas, que coloca o aluno no centro de seu processo de ensino aprendizagem.
Participante 04	Não! As crianças portadoras de necessidades especiais precisam de suporte pedagógico, tecnológico, estrutura física etc ...

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quanto se na escola que atua é oferecido suporte para lidar com os casos de inclusão, a maioria disse que sim, a escola utiliza metodologias de inclusão, assim como dispõe de ambientes que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem destes alunos.

Gauderer (1995) comenta que se percebe que no contexto educacional para se educar um autista é preciso promover sua integração social e neste sentido, a escola desenvolve papel essencial para o alcance deste objetivo. A educação precisa abraçar a socialização e integração dos autistas, pois o contato com os professores e com as crianças da escola será fundamental. Assim, o espaço escolar precisa estar pronto para receber a criança e conseguir desenvolver seu cognitivo e intelectual

Na quinta questão os participantes foram questionados **sobre qual o papel do professor na inclusão escolar de alunos autistas**. Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 6.

Quadro 6 - Respostas dos participantes sobre qual o papel do professor na inclusão escolar de alunos autistas.

Participantes	Respostas
Participante 01	O papel do professor na inclusão do aluno com autismo ou quaisquer necessidades especiais é fundamental para o processo de aprendizagem do aluno.
Participante 02	O papel do professor na inclusão escolar de alunos autista é adaptar o currículo, utilizar estratégias diferenciadas e promover um ambiente inclusivo e acolhedor.
Participante 03	Estabelecer uma boa relação. Contribuindo assim a inclusão no meio social e preparação e formação continuada.
Participante 04	Ser um professor facilitador, criativo que busque práticas que possibilite o envolvimento das crianças nas atividades lúdicas como jogos, dança, movimento, evitando o constante uso de tarefas escritas no papel, até por falta de recurso.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Acerca do papel do professor na inclusão escolar de alunos autistas, estes disseram que o professor é um facilitador e precisa ser criativo e estabelecer uma boa relação entre todos na sala de aula, precisa ainda adaptar o currículo, assim como as metodologias a serem empregadas.

Segundo Uchôa (2015) não só a escola deve estar estruturalmente preparada, como também os seus docentes, que devem possuir práticas adequadas para que possam atuar de forma significativa na vida escolar desse aluno. A atualização voltada para os cursos de formação continuada para os docentes é um fator importantíssimo para que esse profissional adquira competências e habilidades necessários para atuar com esse aluno na educação infantil.

Na sexta questão os participantes foram questionados **sobre quais as principais metodologias que podem ser utilizadas com alunos autistas? Quais você utiliza?** Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 7.

Quadro 7 - Respostas dos participantes sobre quais as principais metodologias que podem ser utilizadas com alunos autistas.

Participantes	Respostas
Participante 01	X
Participante 02	Algumas metodologias são: Análise aplicada do comportamento, comunicação, comunicação por troca de figuras.
Participante 03	Trabalhar o incentivo, propor atividades que estimulam o pensamento e as habilidades, privilegiar vínculos afetivos e usar linguagens afetivas.
Participante 04	Como professora, observar algumas reações, e a partir da observância comunicar para quem de Direito. Não tenho aluno (criança) com autismo.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No que diz respeito as principais metodologias que podem ser utilizadas com alunos autistas, as professoras disseram que utilizam análise de comportamento, propõem atividades ligadas ao estímulo do pensamento e a comunicação.

De acordo com Gauderer (1987) percebe-se o quanto é importante a participação da criança desde cedo na escola pois essa habilidade é essencial não só para a interação, mas também para comportar-se adequadamente em diferentes contextos além da sala de aula, outros ambientes dentro da sociedade em geral. É essencial também o envolvimento familiar com a escola e além de mudanças na estrutura e metodologia, é importante ainda um currículo adequado às necessidades da criança.

Na questão seguinte os participantes foram questionados **sobre quais as maiores dificuldades dos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos autistas?** Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 8.

Quadro 8 - Respostas dos participantes sobre quais as maiores dificuldades dos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos autistas.

Participantes	Respostas
Participante 01	De acordo com pesquisas estão explicitadas dificuldades na inclusão de alunos autistas: Comportamento, comunicação, socialização, dificuldades pedagógicas entre outras.
Participante 02	A adaptação do currículo para atender às necessidades individuais, comportamentos desafiadores e a garantia de suporte adequado para o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos autistas.
Participante 03	A falta de conhecimento e/ou capacitação, falta de apoio pedagógico. A recusa em fazer atividades ou seguir rotinas e regras.
Participante 04	O que vejo é falta de apoio dos órgãos responsáveis (poder público) formação específica, diagnóstico médico.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Sobre quais as maiores dificuldades dos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos autistas, as professoras disseram que variam desde comportamento, comunicação, socialização, dificuldades pedagógicas entre outras. Além de falta de apoio pedagógico por parte dos órgãos educacionais responsáveis.

Segundo Facion (2016) as dificuldades comportamentais dos alunos com TEA estão ligadas ao desenvolvimento atípico das crianças com autismo. A recusa em fazer atividades ou seguir rotinas e regras estão entre os maiores desafios comportamentais vivenciados pelos professores.

Na próxima questão os participantes foram questionados **existe algum recurso multifuncional (sala especial, material pedagógico especial) na escola para atender o aluno com autismo?** Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 9.

Quadro 9 - Respostas dos participantes sobre se existe algum recurso multifuncional (sala especial, material pedagógico especial) na escola para atender o aluno com autismo.

Participantes	Respostas
Participante 01	Sim. Existe material pedagógico.
Participante 02	Não.
Participante 03	Sim, material pedagógico especial que é uma estratégia muito eficaz para o desenvolvimento da criança autista.
Participante 04	Não.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Perguntados se existe algum recurso multifuncional (sala especial, material pedagógico especial) na escola para atender o aluno com autismo, duas responderam que sim e duas responderam que não. O acesso aos materiais pedagógicos, são essenciais pois ajudam no desenvolvimento do trabalho, garantido ao aluno uma aprendizagem mas elevada. A sala de recursos multifuncionais é, portanto, um espaço organizando com matérias didáticos, pedagógicos, equipamentos e profissionais com formação para o desenvolvimento às necessidades educacionais especiais.

O AEE é realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no contra turno da escolarização, não sendo substituídas às classes comuns, podendo ser realizado também, em centros de atendimento educacional especializados de rede públicas ou de instituições comunitárias, confessionais e filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a secretaria de educação ou órgão equivalente dos estados, distrito federal e municípios (BRASIL, 2009, p. 02).

Na última questão os participantes foram questionados **sobre como acontece a participação da família na vida escolar do aluno com autismo na escola?** Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 10.

Quadro 10 - Respostas dos participantes sobre como acontece a participação da família na vida escolar do aluno com autismo na escola.

Participantes	Respostas
Participante 01	Não respondeu.
Participante 02	A participação não está das melhores; pois muitos não acompanham a vida escolar do filho.
Participante 03	Colabora fornecendo informações sobre as formas de comunicação, é o alicerce necessário na interação escolar.
Participante 04	Essa é a grande dificuldade ... a família! Que não aceita, não quer, ou não conhece os direitos da criança, por isso não busca ajuda profissional, o que dificulta nosso trabalho, pois professor não pode do laudo de criança.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os participantes disseram que quanto a participação dos pais há uma certa dificuldade e que muitos não aceitam que seu filho tem uma deficiência e que precisam de ajuda e atendimento especializado.

A parceria família e escola e eficaz é importante que os pais estejam sempre presentes e buscando informações cabíveis sobre o comportamento e desenvolvimento dos mesmos, observando as necessidades e habilidades de como lidar com eles (RIBEIRO, 2016).

CONCLUSÃO

O presente estudo discorreu com abordagens teóricas sobre um pouco da história do transtorno do espectro autista e um pouco do trajeto sobre a inclusão dessas pessoas na escola, visto que passou por várias fases até chegar ao sistema que se encontra atualmente.

Diante disso, foram apresentadas as peculiaridades cognitivas dos portadores de autismo possibilitando o entendimento mais das diferentes áreas de facilidades e dificuldades encontradas nesta população. Pois, falar sobre autismo não é tarefa fácil, muito ainda precisa ser descoberto a respeito da síndrome principalmente em relação a sua etiologia.

Acrescenta-se que as crianças com autismo apresentam habilidades específicas, como desenhar, fazer cálculo em curto prazo. Tudo isso faz com que a criança com TEA (Transtorno Espectro Autista) camufle o transtorno. É importante frisar que os pais passam a acreditar que têm dentro de cada pessoa uma pequena habilidade o modo de pensar e de agir.

Assim de acordo com a pesquisa foi possível observar que os educandos têm facilidade em determinada matéria, porém tem dificuldade em interagir com outras pessoas, agradam-lhe brincar sozinho, dependendo do grau eles costumam ser organizados, carinhoso.

Torna-se de suma importância frisar que, o quanto mais cedo for identificado o transtorno, mais rápido poderá ser revertido o caso. Porém, os resultados não dependem apenas da identificação do transtorno mais sim de um tratamento adequado e eficaz, para que no futuro as necessidades não sejam corrompidas, mas aceita pela sociedade.

Portanto, a educação inclusiva deve possibilitar uma construção para as relações que diz respeito desde do fortalecimento a segurança do que se oferece, contribuindo para uma construção de um desenvolvimento ensino aprendizagem melhor, favorecendo e motivando um todo a aprenderem juntos

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F.; ALCHIERI, J; LEITE, R.; LIMA, S.; SILVA, R. e SOUZA, C: **Estudo exploratório da memória no contexto de escolaridade**. 2009. Cien. Cogn., 14 (2), 35-46. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 20 Agosto de 2018.

ALVES, Denise de Oliveira. **Sala de recursos multifuncionais: espaços para atendimento educacional especializado**. Brasília – MEC; SEESP, 2006.

ANTUNES, C. **O autismo, a afetividade e a educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BAPTISTA, Claudio Roberto. **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas/ organização** Claudio Roberto Baptista; Adriana Marcondes Machado... [et al] – Porto Alegre: mediação 2006.

BRASIL. **Autismo: orientação para os pais / Casa do Autista - Brasília: Ministério da Saúde, 2000. 38p. ISBN.**

BRASIL, **Constituição Federal**. Brasília: MEC. 1988.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN, 9394)**, Brasília: MEC 1996.

BRASIL. **Declaração de Jomtiem**. Jomtiem/Tailândia, 1990.

BRASIL. **Decreto nº 6.571/2008 e Decreto nº. 7611/11 – Atendimento Educacional Especializado (AEE)** Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil>. Acesso em 12/10/2016.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases**. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm (Acesso em 19/01/16)

BRASIL. **Declaração Mundial sobre educação para todos plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. UNESCO, JOMTIEM/TAILÂNDIA, 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei Nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Diário Oficial da união, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa oficial, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação básica**. Secretaria de Educação Especial – MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Operacionais da educação Especial para o Atendimento educacional Especializado na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2009.

BRASIL. Inclusão: **Revista da Educação especial** / Secretaria de Educação Especial. V. 5, n. 1 (jan/jul) – Brasileira: Secretaria de educação especial, 2010.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Linha de cuidado para atenção as pessoas com transtornos do espectro autista e as famílias na rede da atenção Psicossocial do SUS/ Ministério da saúde**, 2013.

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]. – 7. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.44 p.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, 2012. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764 .htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)> Acesso em: 20 Agosto de 2018.

CAMARGO. SPH, Bosa CA. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura**. Psicol Soc 2009.

COLL, Cesar. **Desenvolvimento Psicológico e educação**. São Paulo: Editora Cortez associados, 2000.

CUNHA. Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família** / Eugênio Cunha. – 6 ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed. 2015.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: Psicologia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: WAK, 2015.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **sobre Princípios, Política e Práticas em Educação Especial**. Espanha, 1994. Disponível em: <[Http://portal.mec.gov.br/ seesp/ arquivos/pdf/salamanca.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf) / Acesso em: 20 agosto de 2018.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Necessidades Educativas especiais-NEE In: Conferência Mundial sobre NEE. UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO, 1994.

DRAGO, Rogerio. Inclusão na educação infantil/Rogério Drago- Rio de Janeiro: Wak editora, 2011.

FACION, José Raimundo. Transtornos do desenvolvimento do comportamento. Editora Inter saberes, 2016.

FERNANDES, Sueli. Fundamentos para Educação Especial. Curitiba: Ibpx, 2006.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Pedagogia e prática docente. São Paulo: Cortez, 2006.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLAT, Rosana; NOGUEIRA, Mário Lúcio de Lima. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. In: Revista Integração. Brasília: Ministério da Educação Especial, ano 14, n. 24, 2002.

GOLDEMBERG, M. G arte de pesquisar. Rio de Janeiro; Record, 1997.

KANNER, Leo. O autismo: estudos iniciais. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1943.

KHAURY, Luciana Khoury Educação no campo: a estratégia dos usurpadores 2014

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina Andrade. Metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1992.

LIMA, Francisco José de. Ética e inclusão: o status da diferença. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Inclusão: compartilhando saberes. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006. p. 54-66.

LIRA, Solange M. de. Escolarização de alunos autistas: Histórias de sala de aula. 2004. 151 f..

MARTINS, Ivone de Oliveira. Autismo e inclusão escolar: percursos, desafios, possibilidades. Curitiba: CRV, 2015.

MANTOAN, M. T. E. A Integração de pessoas com deficiências: São Paulo: Memnon, Editora SENAC, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** Rosângela G. Prieto, Valéria A. Arantes (org). São Paulo: summus, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** / São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér e PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos. In: Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil.** São Paulo: Summus, 2006, p. 31-69.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Por uma escola do século XXI.** São Paulo: Unicamp, 2013.

MARTINS, Mara R. R. **Inclusão de alunos autistas no ensino regular: concepções e práticas pedagógicas de professores regentes.** 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.inclusive.org.br/?p=10164>. Acesso em: 20 Agosto de 2018

MAZZOTA, M.J.S. **Trabalho docente e formação dos professores em educação especial.** São Paulo: EPU, 2003.

MEC - Ministério de Educação - **Secretaria de Educação Especial Política Nacional DE EDUCAÇÃO ESPECIAL,** Brasília MEC - SEEDSP 1994.

MEC, SEESP- **método teacch: Saberes e Práticas da Inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: Autismo.** Apostila (2004)

MELLO, Ana Maria S. Ros. **Autismo: guia prático.** 2. ed. São Paulo, Corde, 2001.

MELLO, Ana Maria S. Rios. **Autismo: guia prático.** 7. ed. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2004.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

PEETERS, Theo. **Autismo: entendimento teórico e intervenção educacional/** Theo Peeters, tradutores Viviane Costa de Leon [et al]. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1988.

PRIETO, Rosângela Gavioli. **Política educacional do município de São Paulo: estudo sobre o atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais, no período de 1986 a 1996.** 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

RIBEIRO, A. E. **Em busca do texto perfeito: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual.** Divinópolis, MG: Artigo A, 2016.

ROSA, Ângela Coronel. **Educação inclusiva**. [Organização pela] Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) Curitiba: Ibplex, 2009.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo singular: Entenda o autismo**. Fontanar, 2012.

UNESCO, Declaração de Salamanca, **Linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: Corde, 1994.

VOIVODIC, Maria Antonieta. **Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

WERNECK, Cláudia. **Muito prazer, eu existo**. Rio de Janeiro: WVA, 1993.